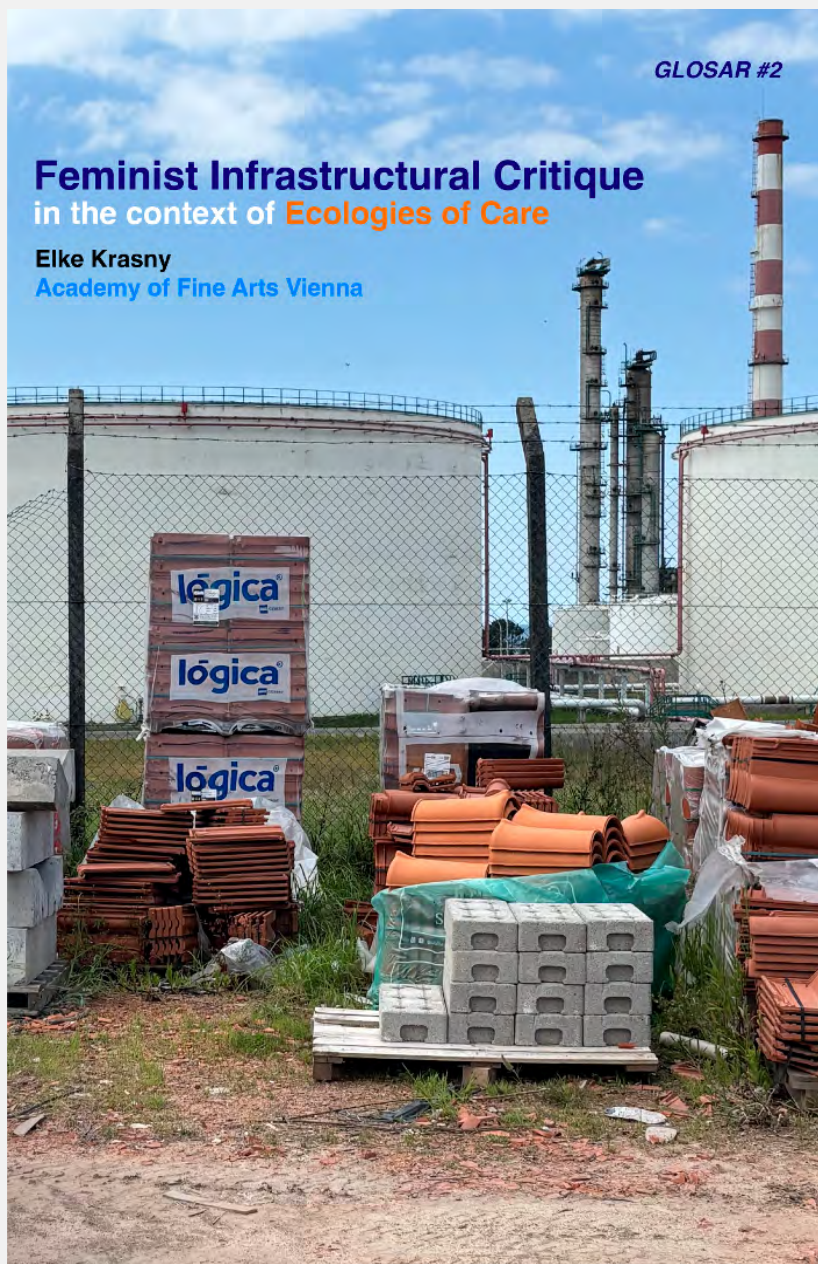


Glosar Masterclass #2: Ecologias e pedagogias do cuidado por Beatriz Duarte

(I2ADS-FBAUP)

**Conceitos e métodos importantes: aprendizado lento,
pedagogias da esperança, cuidado, cuidado como
infraestrutura crítica, curadoria como/com cuidado.**

Na conferência apresentada por Elke Krasny (2025), pode-se identificar três momentos que entrelaçam e estruturam seu percurso reflexivo: a apresentação do grupo Ecologies of Care, a elaboração de um pensamento sobre o cuidado e, por fim, a introdução da publicação *Feminist Infrastructural Critique: Life-Affirming Practices Against Capital*, editada em coautoria com Sophie Lingg e Claudia Lomoschitz (Krasny et al., 2024).



Cartaz de Divulgação da conferência GLOSAR #2.
GLOSAR #2 conference promotional poster.

A gênese do grupo *Ecologies of Care*, formado por curadoras, artistas, arquitetas, pesquisadoras e ativistas localizadas em diferentes regiões da Europa, surge em 2021, em meio às transformações profundas desencadeadas pela pandemia do COVID-19, como uma tentativa de construir um espaço de troca, escuta e coaprendizagem diante da intensificação da crise global do cuidado. Ainda que dispersas geograficamente, suas integrantes partilham preocupações com as práticas de curadoria, a ecologia, a memória, as infraestruturas em colapso e os modos como o cuidado é vivido, disputado ou negado em diferentes contextos.

O surgimento do *Ecologies of Care* em plena pandemia não é acaso, mas contexto: o colapso de sistemas de saúde, a sobrecarga de trabalho doméstico, o luto coletivo e o isolamento trouxeram à tona não apenas a centralidade do cuidado para a sobrevivência, mas também a precariedade estrutural das condições que o sustentam. Como responder a isso de forma coletiva, criativa e ética? Como cultivar formas de cuidado transformadoras?

“Ecologias sugerem formas de conhecimento e de florescimento em mundos que envolvem muitos e mais do que apenas humanos. Ecologias... é um termo relacionado ao meio ambiente, abrangendo desde a destruição ambiental causada por ações humanas até a justiça social e o ativismo ecológico.” Marsha Meskimmon, Transnational Feminisms and Art’s Transhemispheric Histories. *Ecologies and Genealogies*, 2023, p. 7. (conforme citado por Krasny, 2025)

A experiência de aprendizagem coletiva do grupo, iniciada virtualmente, foi se expandindo para encontros presenciais, organizados de forma autogerida e fora das estruturas institucionais tradicionais. Em cada encontro, as participantes são convidadas a partilhar os espaços, os contextos e as questões que atravessam suas práticas e pesquisas. Não se trata apenas de refletir sobre o cuidado, mas de construir um modo de estar-juntas que constitua, ele próprio, uma prática, ou mesmo uma ética, de e com cuidado. A partir da leitura de Krasny, é possível compreender o cuidado também como método: uma forma de produzir conhecimento, de ocupar o espaço, de habitar o tempo de maneira atenta, relacional e situada.

Os encontros promovidos pelo *Ecologies of Care* são também formas de aprendizado, fundamentadas naquilo que Elke Krasny associa ao aprendizado lento e às pedagogias da esperança (Freire, 2014). Caminhar ou simplesmente permanecer juntas em um lugar, atentar aos seus detalhes e atmosferas, ler em voz alta, ocupar com os corpos espaços historicamente masculinizados, investigar um mesmo território ao longo de anos, compartilhar dúvidas em vez de conclusões, dividir pesquisas ainda em processo, compõem um repertório metodológico que expande a noção de curadoria e a reformula como uma pedagogia enraizada na escuta, na presença e na construção coletiva do conhecimento.

Essa curadoria não se limita à organização de exposições ou ao trabalho com objetos artísticos. Ela se configura como um modo de investigar e estar no mundo, por meio de um processo contínuo de reflexão e compromisso partilhado com contextos específicos e seus legados históricos, camadas de memória e conflitos ainda ativos. Trata-se de uma pedagogia que valoriza o inacabado, o tempo do processo, o aprendizado encarnado em oposição às lógicas neoliberais de distanciamento, da produtividade, competição e da aceleração, com os chamados *fast learnings*, tão amplamente capitalizados e promovidos no mundo contemporâneo. Nesse sentido, cuidar é também desacelerar, observar, permanecer, inscrever e partilhar formas de produzir outro tempo para o pensamento e para a vida em comum.

“Ecologias do Cuidado se preocupam com as formas de se relacionar com naturezasculturas, infraestruturas, heranças tóxicas, a violência lenta e rápida do patriarcado colonial capitalista que atinge corpos, mentes e territórios, as condições e dimensões antropocêntricas e antropogênicas de extração e gentrificação que resultam em zonas de sacrifício e danos sociais e ambientais” (Krasny, 2025)

Os encontros realizados pelo grupo em Bucareste, Bruxelas, Atenas e, à época da conferência, no Porto, envolveram visitas a sítios marcados por camadas densas de memória, heranças coloniais, violência ambiental e regimes espaciais de poder. Seja uma floresta urbana, um parque imperial, um

sítio arqueológico ameaçado pelas políticas de patrimonialização voltadas ao turismo e por processos de gentrificação, ou ainda uma refinaria em processo de desmantelamento. Cada lugar visitado torna-se objeto de estudo e cenário de encontro, mas também um agente ativo que convoca modos específicos de engajamento. O que está em jogo nesses contextos é mais do que o passado inscrito nesses espaços, mas as formas como eles continuam a ser mantidos, habitados, negligenciados ou disputados no presente. Quem cuida desses lugares? Quem tem direito a permanecer neles? Quem é lembrado e quem é silenciado nas suas materialidades? O que lembram e o que forçam a esquecer?

**“As coisas são feitas para serem esquecidas”
(Krasny, 2025)**

“Herança não é apenas um território a ser contemplado e celebrado, mas um campo de elaboração crítica.” (Krasny, 2025)

Esses legados contemporâneos, mesmo que não tenham sido construídos recentemente, condensam, em sua materialidade, questões urgentes do presente. São lugares que continuam a operar no agora, seja pela persistência das desigualdades históricas que os atravessam, seja pelas disputas contínuas em torno de sua função, uso e significação. Ao deslocarmos a noção de legado de um passado fixo para uma ideia de presença persistente, como algo que continua a ser construído e

negociado no presente, compreendemos que os sítios não apenas “guardam” histórias, mas exigem formas de envolvimento por parte de pesquisadores, artistas e educadores, sintonizadas com os conflitos e responsabilidades que moldam sua existência no presente. Cuidar, nesse contexto, não significa apenas preservar ou conservar, mas interrogar ativamente quais narrativas e práticas queremos cultivar a partir desses lugares e para qual futuro estamos, com eles, nos comprometendo.

Krasny conduz a reflexão para uma investigação crítica do cuidado como conceito multifacetado, com raízes mitológicas, materialidades específicas, contradições estruturais e potências transformadoras. O cuidado é colocado em sua complexa articulação com as estruturas urbanas, ecológicas, políticas e epistemológicas que configuram o mundo contemporâneo:

“ o cuidado como conhecimento, como trabalho, como ética e como sentimento e, ao mesmo tempo, compreender o cuidado como algo ambiental, material, infraestrutural e espacial.” (Krasny, 2025)

“Cura” é uma deusa romana que criou o primeiro homem (homo). O mito de Cura aparece nas Fabulae, um poema de Caio Júlio Higino, um escritor latino do ano 1 d.C. Cura, o nome da deusa, significa cuidado em latim. Os Mitos de Higino foram traduzidos e editados por Mary Grant. University of Kansas Publications in Humanistic Studies, n. 34. Lawrence: University of Kansas Press, 1960. (conforme citado por Krasny, 2025)

Curare

cuidar de, tomar conta de, preocupar-se com, escutar; administrar, comandar; tratar, curar, zelar por; manter, restaurar; conservar em boas condições. (Krasny, 2025)

“O cuidado pode ser a forma que o controle assume.” (Krasny, 2025)

Longe de ser uma categoria neutra ou apenas benigna, o cuidado é apresentado como um campo atravessado por tensões: pode ser gesto de manutenção e solidariedade, mas também técnica de controle, dispositivo de governo, ou mesmo forma de dominação e exploração. Há, por exemplo, um cuidado paternalista e patrimonialista, centrado na propriedade, autoridade e tradição, associado a ideia de proteção. Esse cuidado-poder se manifesta, por exemplo, na retórica estatal da proteção militarista, na vigilância sob o pretexto da segurança, nas formas de gestão urbana que, em nome do “bem comum” promovem processos de higienização e gentrificação, ou dos Estados-nação ocidentais como uma forma de proteger aquilo que se entende como “propriedade” e “identidade” sobre territórios, patrimônios e corpos, muitas vezes às custas da exclusão e da violência.



"Libertando os imaginários do cuidado" (Krasny, 2025)

Se o cuidado foi historicamente atribuído ao feminino, muitas vezes de maneira essencialista e exploratória, como lidar com esse legado? Em contraste com as formas paternalistas e normativas de cuidado, há também práticas que o afirmam como gesto emancipador, relacional e redistributivo: cuidado como resistência, como criação de mundos, como partilha de responsabilidades. Elke



Conferência de Elke Krasny na Aula Magna da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Krasny propõe, nesse contexto, uma virada epistemológica feminista, não no sentido biológico ou naturalizante, mas como uma política relacional baseada na reciprocidade e na interdependência.

Ao pensamos os âmbitos aos quais o cuidado pode atravessar, percebe-se que o cuidado é infraestrutural, isto é, é aquilo que sustenta e torna possível a vida cotidiana, ainda que frequentemente permaneça invisível ou naturalizado. Krasny recupera, nesse ponto, a etimologia do termo *curare* — cuidar, curar, manter, reparar — para mostrar que a curadoria, como prática estética e política, pode ser pensada como uma forma de infraestruturalidade crítica: um trabalho de cuidado com os sistemas e contextos que moldam a experiência coletiva.

Nesse sentido, desafia-se a suposição de que o cuidado se restringe a escalas íntimas ou privadas. Em vez disso, evidencia-se a necessidade de cuidar e de reconhecer o cuidado que sustenta as condições materiais da existência: do abastecimento de água aos sistemas de memória (como os monumentos), da manutenção dos espaços públicos até a reinvenção dos modos de habitar o mundo. O cuidado, assim, é compreen-

dido como um campo ampliado, que nos permite imaginar formas diversas de viver juntos em um planeta ferido (Krasny, 2025) através do pensamento, da atenção, das práticas coletivas e ações críticas para reparar os danos históricos e simbólicos. Essas práticas, por sua vez, tornam-se expressões materiais dos nossos valores, conflitos e futuros possíveis, posicionando o cuidado no centro da política, da pedagogia e da produção cultural.



Conferência de Elke Krasny na Aula Magna da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Krasny também apresentou *Feminist Infrastructural Critique* (Krasny et al., 2024), publicação que reúne uma constelação de autoras comprometidas com a crítica às infraestruturas técnicas, institucionais e urbanas sob uma perspectiva feminista, situada e interseccional. O livro reúne ensaios que desafiam a concepção tecnocrática e neutra das infraestruturas, propondo uma leitura enraizada em práticas de cuidado, justiça social e responsabilidade ecológica. Combinando pensamento teórico, práticas artísticas e experiências situadas, a coletânea delineia um campo emergente de crítica infraestrutural que reconhece os sistemas técnicos, institucionais e urbanos como terrenos de disputa, violência e, também, de imaginação política. A crítica, nesse sentido, não se limita à denúncia: ela também inventa formas de permanecer, sustentar, insistir: práticas de afirmação da vida, como define o subtítulo da publicação.